

Monopólio não sensibiliza

A falta de mobilização popular para lutar contra a quebra do monopólio do petróleo tem sido motivo de discussão interna no PT.

A luta pela criação da Petrobrás há 50 anos conseguiu sensibilizar e unir o País, mas hoje a sua defesa não está empolgando a opinião pública. Por quê? Essa é uma pergunta que Cristovam e seus companheiros que defendem a empresa estão se fazendo.

“A resposta, em minha opinião, é que quando a Petrobrás surgiu teve grande apelo popular na medida em que se via nela um dos instrumentos de soberania nacional e de eliminação da pobreza no país”.

A população brasileira hoje, admite o governador, não vê mais as estatais como instrumentos do bem estar social. Isso, em parte, decorreria da campanha sistemática que se move contra elas.

Na verdade, acredita ele, não é só isso. As estatais foram fortalecidas e cresceram nos governos militares e têm sido instrumentos de modelo perverso de desenvolvimento econômico.

Dicotomia - “É por isso que a minha proposta é mudar o debate da dicotomia entre privatizar ou estatizar e defender o que tenho chamado há alguns anos de publicizar. Fazer com que todas as empresas sejam pautadas pelo interesse público”.

A necessidade do PT se aproximar mais dos setores populares, neutralizando a imagem de partido de maior penetração entre as corporações estatais e entre os metalúrgicos paulistas, é outro ponto que tem merecido a atenção do governador.

Os metalúrgicos de São Paulo já conseguem certas vantagens trabalhistas conquistadas em suas lutas sindicais que, embora não sejam iguais aos dos trabalhadores das estatais, são bem distintas do padrão da grande massa do povo que ele chama de excluídos.

“O futuro do PT — e por isso sou petista, por achar que é o único partido em condições de assumir esse papel — está em poder construir uma ponte entre os trabalhadores do setor moderno e os que nem isso são. Esse, a meu ver é o desafio do nosso partido”.